

# Editorial

Este número especial traz a público um conjunto de artigos que tem como núcleo o trabalho, a formação e a pesquisa em Serviço Social no contexto das atuais transformações do capitalismo mundializado e financeirizado, que interpela a profissão e seus agentes em distintas e complexas dimensões. Os artigos de Yamamoto, Yazbek, Mota e Faleiros tiveram como base suas exposições no 7º *Seminário Anual de Serviço Social* promovido pela Cortez Editora em maio do corrente ano, sob o tema: *Formação e trabalho profissional nos marcos do capitalismo contemporâneo — resistências, conquistas e desafios contemporâneos*.

Considerados em seu conjunto, os quatro artigos traçam um amplo panorama do Serviço Social nas múltiplas determinações que permeiam suas configurações na realidade atual, quer em relação aos desafios postos à formação acadêmico-profissional, quer no que se refere à realidade cotidiana do trabalho profissional nos âmbitos estatal e privado, o que recoloca no centro do debate o significado social da profissão e a dimensão política do trabalho profissional.

A partir de uma abordagem histórico-crítica, e em um contexto de recrudescimento de tendências neoconservadoras na sociedade e na profissão, os(as) autores(as) vão desenrolando os fios que tecem os conflitos e as contradições que envolvem a articulação entre *formação e trabalho do assistente social*.

O conjunto das análises destaca as relações de intensa interpenetração entre as transformações nas esferas da produção e da organização do trabalho e as mudanças que ocorrem no âmbito da contrarreforma do Estado e das políticas sociais em nosso país. A ênfase recai sobre as metamorfoses operadas no mercado de trabalho e nas políticas públicas, com destaque para as políticas de ensino superior e de seguridade social, que condicionam tanto a formação acadêmico-profissional como o trabalho do assistente social, ambos submetidos à lógica mercantil/empresarial e às injunções do trabalho precarizado e alienado. Embora tal contexto redimensione o potencial ético-político do exercício profissional em tempos de crise do capital, a disputa de projetos sociais em confronto na sociedade aponta simultaneamente a possibilidade de propostas alternativas e de resistência às orientações dominantes, questão que de diferentes modos é tratada em todos os artigos.

Ainda no âmbito das relações entre *formação e trabalho profissional*, dois outros artigos tratam do trabalho docente e da pesquisa, ambos submetidos aos

ditames de indicadores produtivistas voltados à racionalização e ampliação da produtividade do trabalho. Como a produção do conhecimento e o desenvolvimento da pesquisa no serviço social, assim como em outras áreas do saber, se origina predominantemente da atividade acadêmica de docentes e alunos da pós-graduação *stricto sensu*, os processos de intensificação e de precarização do trabalho docente, tanto nas universidades públicas quanto nas privadas, rebatem diretamente na baixa demanda de projetos de pesquisa dirigidos às agências de fomento e no reduzido número de pesquisadores na área do Serviço Social.

Para além dessas questões, Almeida e Mendes traçam um amplo (e preocupante) quadro das tendências atuais da pesquisa na área do Serviço Social com base nas demandas colocadas ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq, enquanto Barbosa analisa criticamente as condições sócio-ocupacionais do trabalho docente e os impactos na formação profissional de assistentes sociais nos marcos da expansão desenfreada do empresariamento educacional.

Outro bloco de textos nos coloca frente à complexa questão do desenvolvimento, que nos anos recentes retorna ao debate acompanhado dos prefixos “novo” ou “social” para justificar a conjugação de alternativas favoráveis ao desempenho macroeconômico com a melhoria de indicadores sociais. É nessa direção a contribuição dos textos de Pfeifer e de Sant’Ana, este último tendo como foco as relações entre questão social, a particularidade do mundo rural e o trabalho cotidiano do assistente social no âmbito da política de assistência social.

Completa este número o instigante artigo de Gomes Costa, que nos apresenta uma análise da história das mulheres brasileiras e dos modos de vida com base nas relações entre as esferas pública e privada, com ênfase no trabalho e emprego domésticos no país, sobretudo feminino, encobertos pelo manto da invisibilidade que a autora busca desvelar.

Trata-se, sem dúvida, de um número realmente especial, que nos oferece um importante panorama da formação, da pesquisa, do trabalho profissional e das políticas públicas na sociedade brasileira contemporânea, apontando para o necessário fortalecimento das lutas sociais neste contexto.

Ao finalizar este Editorial, registramos a justa e merecida homenagem à Marilda Vilela Iamamoto, realizada por ocasião do 7º *Seminário Anual de Serviço Social*, pelo conjunto de sua obra, na qual se destaca o livro *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil — esboço de uma interpretação histórico-metodológica*,

em coautoria com Raul de Carvalho, publicado em 1982 pela Cortez Editora, hoje em sua 41ª edição.

Marco inaugural da interpretação crítica da profissão a partir do contributo da teoria social de Marx, este livro situa o Serviço Social no processo de produção e reprodução das relações sociais capitalistas, particularizando sua inserção na divisão social e técnica do trabalho e reconhecendo o assistente social como trabalhador assalariado. Fornecendo as bases históricas e teórico-metodológicas do projeto ético-político do Serviço Social brasileiro, a referida obra ofereceu uma notável contribuição, não apenas para a profissão, mas também, como escreveu Octávio Ianni na quarta capa, “uma contribuição notável à compreensão da história das relações e contradições de classes na sociedade brasileira.”

Para Marilda, nossa querida companheira de tantas lutas e conquistas do Serviço Social, a homenagem da Revista Serviço Social & Sociedade, a quem dedicamos este número Especial.